

“Meu professor é a bola”: a dinâmica multifacetada do aprendizado futebolístico

Enrico Spaggiari



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1347>

DOI: 10.4000/pontourbe.1347

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Enrico Spaggiari, « “Meu professor é a bola”: a dinâmica multifacetada do aprendizado futebolístico », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1347> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1347

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

“Meu professor é a bola”: a dinâmica multifacetada do aprendizado futebolístico

Enrico Spaggiari

Introdução

- ¹ A proposta deste artigo é retomar algumas questões que trabalhei no mestrado, quando procurei analisar distintas propostas de ensino do futebol. O processo da pesquisa iniciou-se em fevereiro de 2007, marcado pela observação participante no CDM Cidade Líder¹, o que inclui a escolinha de futebol, os times de futebol de várzea, diferentes atividades esportivas ali praticadas, dentre outras experiências e eventos, com intensas e constantes negociações visando ao acompanhamento das diferentes atividades.
- ² A escolinha de futebol que acompanhei no CDM Cidade Líder era mantida em parceria com o Programa Mais Esporte², criado pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo e conveniado ao projeto Segundo Tempo do Ministério do Esporte. Coordenador do CDM Cidade Líder e ligado ao futebol varzeano do bairro desde a década de 1960 (como jogador, técnico e dirigente do clube Botafogo da Cidade Líder), Jaílson cuidava das tarefas burocráticas da escolinha, bem como do atendimento aos pais dos alunos. Antônio Silva, ex-jogador de futebol profissional que atuou em diversos clubes, com passagem pela Sociedade Esportiva Palmeiras ao final da década de 1970, comandava diariamente, nos períodos matutino e vespertino, as atividades da escolinha no campo de terra do CDM. As relações entre Jaílson e Silva, bem como as destes com as crianças e jovens do bairro, visto que os dois eram os responsáveis pelo ensino de futebol na escolinha.



Foto 1 - Garoto observa centenas de fotos 3x4 de alguns dos muitos jovens que treinaram na escolinha de futebol do CDM Cidade Líder (foto de E. Spaggiari)

- 3 O processo de ensino na escolinha de futebol do CDM Cidade Líder foi, portanto, um dos pontos-chaves da pesquisa. Mas não somente o ensino, pois a proposta de estudar o ensino de um saber futebolístico não pode vir desacompanhada da idéia de aprendizado da parte das crianças e jovens, sujeitos ativos na construção das dinâmicas das atividades locais. Portanto, para apreender as práticas sociais e representações daquele plano, decidi enfocar o ensino e o aprendizado da prática futebolística, incorporando as crianças e jovens como sujeitos atuantes na edificação da vida social e dos processos educativos. Tal qual uma antropologia da criança vem, há tempos, justificando e defendendo (Cohn, 2005).
- 4 Posicionamento adotado logo após as primeiras idas a campo, quando pude observar, nas imediações da escolinha e em todo o bairro, um recorte etnográfico repleto de ambientes dos mais diversos para a aprendizagem do futebol: além do campo de várzea e da quadra poliesportiva do CDM, havia uma escola pública ao lado, ruas usadas para brincadeiras e jogos, terrenos baldios, “lan houses”; ou seja, procurei observar os diferentes espaços que faziam parte do dia a dia dos jovens e de suas redes de sociabilidade, onde o saber futebolístico era construído.
- 5 O impacto do fenômeno futebolístico no bairro podia ser visualizado nas vestimentas usadas no cotidiano pelos homens, principalmente, jovens: camisas dos clubes de futebol (em sua maioria, os paulistas, como Corinthians, São Paulo, Santos e Palmeiras) e agasalhos de torcidas organizadas paulistanas. Destacavam-se, também, embora sem a mesma regularidade das camisas dos clubes citados, o uso de vestimentas de equipes de futebol de várzea do bairro, presentes em diferentes momentos e espaços observados. Por fim, era comum avistar adolescentes e jovens vestindo camisas de equipes de futebol de salão, modalidade muito praticada na Cidade Líder e em outros bairros da Zona Leste.
- 6 Portanto, tendo em vista que se trata de um processo de ensino-aprendizagem futebolístico, pois existiriam diferenças entre o modo de aprender e o modo de ensinar, procurarei evidenciar como o ensino de um saber futebolístico deve ser compreendido a partir da complementaridade entre as diferentes práticas na escolinha, na rua, e em outros espaços. Trata-se, enfim, de uma discussão crítica das propostas de processo de ensino-aprendizagem a crianças e jovens.

O aprendizado fora da escolinha

- 7 O advento das escolinhas de futebol, principalmente a partir da década de 1980, trouxe novas formas de se pensar o futebol brasileiro, com a valorização das demandas do

universo espetacularizado, alicerçadas na nova ordem de formação de jogadores. Este advento faz parte de um grande do processo de modernização que teria se iniciado na década de 1960, com o surgimento de novos elementos (métodos de treinamento, tecnologias, marketing etc.) e atores sociais (preparadores físicos, fisiologistas, nutricionistas etc.) no quadro organizacional futebolístico (Florenzano, 1998)³. Nesse sentido, a racionalização dos métodos e técnicas de treinamento das escolinhas de futebol, decorrente de um possível cientificismo inspirado no universo esportivo espetacularizado, acabaria por preterir os modelos espontâneos de formação.



Foto 2 – O professor Silva orienta o posicionamento correto para os exercícios físicos (foto de E. Spaggiari)

- 8 Contudo, é possível observar uma pluralidade de sistemas de ensino, pautados por preocupações e objetivos dos mais diversos (ver Guedes, 1998; Pimenta, 2001; Santos, 2007). No caso do CDM Cidade Líder, o conhecimento científico e racionalização dos métodos eram temas muito mais presentes no discurso dos coordenadores e formuladores do projeto do que propriamente nas atividades diárias da escolinha. Desse modo, mostra-se mais interessante averiguar os processos de ensino e aprendizagem – sabendo que os modos de se ensinar e de se aprender variam de acordo com o recorte social e temporal –, do que investigar em que medida a escolinhas de futebol podem ser pensadas, numa retomada histórica, como instituições de ensino substitutas da rua, terrenos baldios e campinhos, que incorporam uma postura pedagógica na sua práxis.
- 9 Um aspecto, porém, veio a ganhar destaque ao longo da etnografia e suscitava opiniões destoantes dos diversos atores: a transmissão do saber futebolístico em outros espaços para além da escolinha. Nas minhas observações, três espaços rivalizavam, cada um a seu modo, com o campo de futebol da escolinha: a quadra poliesportiva, a pequena área do bar do CDM e as ruas do bairro. Alguns defendiam que jogar futebol na rua e nas quadras era essencial para a formação futebolística dos jovens; outros destacavam a importância dos treinos e atividades aplicados na escolinha para contemplar o sistema de formação de jogadores exigido, atualmente, pelo universo espetacularizado. Portanto, embora fossem espaços valorizados, havia uma tentativa dos coordenadores das atividades de assear os resquícios oriundos das práticas externas.
- 10 Existia, portanto, um diálogo tenso entre as práticas mais espontâneas e as práticas institucionais oferecidas nas escolinhas de futebol. Jaílson não permitia que as crianças usassem o campo para outros fins que não a prática do futebol ou a realização de exercícios físicos. Ao lado do campo, era comum outras crianças, não matriculadas na escolinha, utilizarem o espaço do bar do CDM para jogar bola, o que também não era tolerado por Silva, mas que não podia fazer nada, visto que não eram alunos da escolinha. Num certo dia, argumentei com Silva que seria interessante a presença das crianças jogando naquele espaço, pois em certos momentos eles paravam o jogo para acompanhar

alguma atividade comandada por Silva dentro do campo. Silva desconsiderou a idéia, pois eles estariam "atrapalhando mais que ajudando".

- 11 Deste modo, era possível perceber como Silva procurava separar as atividades que ministrava na escolinha de outras práticas ditas espontâneas, chegando, em certos momentos, a negar outros espaços como locais de aprendizagem. Num sentido contrário, o ex-jogador Raí enfatiza diversas vezes, ao longo de seu manual⁴, que o principal fator para se tornar um jogador de futebol é a prática, independente de onde for e com que for jogar. "A melhor tática é jogar, seja lá onde for" (2005, p.47)⁵.

Se este livro tivesse de escolher apenas uma dica para dar a você, ela seria essa: o importante é entrar em campo, seja onde for. Mesmo que você já esteja apenas treinando em uma escolinha, é fundamental continuar competindo – na várzea, no society, no futsal... Qualquer lugar que você possa "ralar" pra valer (2005, 54).

- 12 O futsal disputado na quadra poliesportiva era o espaço que mais disputava a atenção das crianças e jovens com o campo de várzea. Silva, em diversos momentos, teve de proibir a entrada de garotos no treino por chegarem atrasados após partidas e jogos de futsal na quadra do CDM. Dodô (91), um dos preferidos de Silva, chegou a ser barrado do treinamento por mais de duas semanas, o que enfurecia Silva, que não apreciava os jogos de futsal, e afirmou não ter prazer nenhum em jogar na quadra. Para Silva, eram dois espaços distintos: "São diferentes em algumas coisas. No futsal, a bola é conduzida próxima aos pés, colada ao corpo. No campo, a bola pode ficar mais afastada do corpo, tem mais espaço para conduzir". Opinião essa compartilhada por Jailson: "Ah, rapaz, eu não gosto de futebol de salão. Já me chamaram para o futebol de salão, eu pensei bem, mas eu não vou, porque eu não gosto. Já dei treino de futebol de salão, já fui assistir, mas eu não gosto, meu negócio é futebol de campo".
- 13 Porém, trata-se hoje, talvez, da principal modalidade disputada pelos jovens da Cidade Líder e de outros bairros da Zona Leste, dividindo a preferência dos praticantes com o futebol varzeano:

E: Você chegou a jogar futebol de salão em algum time daqui?

Denis (82): Futsal nunca foi uma coisa que eu gostei, foi uma coisa muito rara. Foi uma vez ou outra que eu cheguei a jogar. Tinha um time da rua aqui que era o Império. Cheguei a jogar uma vez e futsal mesmo era na escola. No bairro, nunca fui chegado. Sempre gostei de campo, gosto de jogar campo que tem dimensões maiores, tem mais espaço para correr. No futsal, fui mais assim como torcedor e para acompanhar meu irmão, meus primos e tal.

E: E qual você mais gosta de jogar? Futebol de campo, society, de salão...

David (90): Eu gosto de jogar quadra. Campo eu só vim jogar quando mudei para cá, para a zona leste, aí comecei a jogar campo. Agora, estou melhorando, porque eu estava acostumado a jogar quadra. E a chuteira tem bastante diferença...

E: Quadra cansa mais ou campo cansa mais?

D: O espaço é menor [...] mas você vai usar uma força mais bruta para poder parar, e fazer a jogada em velocidade, na mesma hora...

E: E o que é melhor jogar, campo ou salão?

Anderson (91): Campo. Salão é pior, eu acho. Mas eu gosto de salão, cara, porque você tem que ser rápido, mano, tem que pensar rápido.

E: Você joga em algum time de salão?

A: Eu jogo no time da favela: Sangue Bom.

E: Você lembra os nomes dos times de futebol de salão do bairro?

A: Firula, Agora é Nóis, Sangue Bom, 100% Favela, Irmãos Metralha, Veneno. [...] Têm uns que eu nem conheço. De cada área do bairro. Só joga quem é conhecido mesmo do bagulho. Só joga quem é conhecido mesmo da favela.

- 14 Optei por não acompanhar a prática desta modalidade na Cidade Líder ao perceber a amplitude e alcance da prática no bairro, impossível de etnografar durante o mestrado. Mas se trata um objeto a ser estudado de forma mais detida em pesquisas futuras sobre a formação de jovens jogadores de futebol. Portanto, o futsal faz parte da rotina de muitos dos jovens aspirantes a jogador, tal como Leandro (91), aluno do CDM Cidade Líder e frequentador das quadras de salão:
- E: Mas tem treino também ou é só jogo no salão?
- Leandro (91): Não, tem treino também. Eu treino de segunda e terça no salão.
- E: Mas no horário da manhã ou horário da tarde?
- L: Manhã, treino das nove às onze. [...] Tem jogo quase todo domingo, e de sábado também, pela Copa Prisma.
- E: Então, segunda de manhã e terça de manhã no futebol de salão; quarta de manhã e sexta de manhã aqui no CDM.
- L: Só quinta que eu fico de boa em casa.
- E: Dia de acordar mais tarde?
- L: É, ainda faço curso também à tarde. Terça e quinta-feira eu faço curso de tarde.
- E: Escola à noite?
- L: É, aí eu estudo de noite.
- E: Já jogou nos times de várzea aqui da região?
- L: Não, time de várzea aqui, não.
- E: Você acha que você aprende mais jogando aqui no CDM ou no futsal?
- L: Salão você pega mais um ritmo de toque de bola, de passe. Não é de catar a bola e já correr assim para cima, que nem no campo. Lá você olha, você toca, você corre, você volta. Aqui não, aqui você pode catar a bola e sair correndo. No salão são vários piques que você dá, você vai e volta, tem que voltar rápido.
- E: Cansa mais no salão?
- L: Cansa mais, bem mais, porque no campo você pára também. Na quadra, você não pode parar, porque você vai ter que ir e vai ter que voltar. Aqui você lança a bola, você pode parar, voltar um pouco para trás.
- 15 Observei um exemplo interessante em outro espaço do próprio CDM. Durante as atividades, em uma quarta-feira de manhã, Erick (94) participava do treino com bola no campo do CDM e, ao mesmo tempo, acompanhava o jogo disputado no espaço do bar, naquele momento por quatro garotos. Silva repreendeu duas vezes Erick; na segunda vez, excluiu-o das atividades: “Se prefere ficar brincando, vai lá jogar com eles, então. Não vem encher o meu saco aqui. Aqui você não joga mais, não te ensino mais nada”, reclamou

Silva. E foi o que Erick fez: saiu do campo e foi direto ao bar para jogar com os demais garotos. Mas antes, disparou: “Não preciso que me ensine, meu professor é a bola”.



Foto 3 - Crianças jogam bola no espaço do bar do CDM Cidade Líder (foto de E. Spaggiari)

- 16 Esta suposta autonomia, indicada por Erick ao sugerir que não aprendia a jogar na escolinha, levanta algumas questões. O mesmo garoto, quando lhe perguntei, respondeu que aprendera a jogar futebol em casa: “Fico jogando em casa, chutando bola na parede do quintal... faço também alguns truques, dou umas pedaladas... tento treinar essas coisas”. Em seguida, reforçou o argumento com outro exemplo: segundo Erick, quando era mais novo percebeu sozinho a importância de aprender a chutar de bico para o chute sair mais forte, pois não tinha a mesma força no arremate que os garotos mais velhos. “Eu já treinava na escolinha e ninguém me ensinou isso”, completou.
- 17 O fundamento do drible é um exemplo interessante para pensar as questões assinaladas por Erick (94). Tal como Damo (2007), que fez suas observações nos centros de formação e produção de jogadores no Internacional de Porto Alegre e no Olympique de Marseille da França, não observei qualquer atividade direcionada ao aprendizado do fundamento “drible”. Embora o treino de carregar a bola por 15 metros, cruzando cones pela direita e esquerda alternadamente possa aludir aos fundamentos básicos do drible, Silva frisou que o principal objetivo deste traçado era aperfeiçoar o domínio de bola do jogador. Para Silva, o drible e a ginga não são ensinados na escolinha, embora façam parte do conjunto de técnicas a serem incorporadas e instrumentalizadas pelo corpo.
- 18 O drible, segundo Silva, vem de forma natural para a criança, “o moleque já nasce com isso”; por natural, Silva se referia ao surgimento deste fundamento na rua, nos campinhos e em outros espaços dos mais variados. “Garrincha ficou bom driblando árvores”, afirmou Seu Geraldo, morador de uma das ruas que circundam o CDM. Para Jaílson, “isso eles aprendem nas ruas, nas peladas. Eu mesmo já tive muita agilidade. Quando moleque, subia muito em árvore, pulando muro, o que me ajudou muito na hora de jogar”. Isso foi reafirmado por Josias (93), aluno da escolinha: “no futsal lá da escola, a gente joga para ganhar. Mas o mais legal é driblar os outros meninos, humilhar mesmo... acho até mais legal que fazer um gol”. Opinião compartilhada por Denis (82), ex-aluno da escolinha:

Acho que isso aí [o drible] é uma coisa que você pode aprimorar, mas ensinar não, pois isso você já sabe, é uma coisa que se aprende nas brincadeiras. Tem aquelas coisas de você ver aquele garoto que tem o potencial, já tem um dom para aquilo. Tem uma facilidade. Como eu te falei, na escolinha você vai ter uma parte de saber mais usar, vamos dizer assim, é doutrinar [...] mas essa coisa do drible acho que está presente desde quando nasce e você vai desenvolvendo. [...] O cara que não tem habilidade, ele não vai aprender a driblar, vai aprender a tocar, chutar, cruzar, se posicionar e marcar. Agora, aquele diferencial que a gente reconhece no brasileiro e no argentino, isso você não aprende não.



Foto 4 - Garoto treina sozinho alguns movimentos e dribles (foto de E. Spaggiari)

- 19 Deste modo, o drible está presente nos modos de jogar destes garotos, assim como em seus movimentos, enquanto elemento basilar das representações de um “jogar à brasileira” e de um “futebol-arte”, o que contribui significativamente para a definição de um modo de aprendizado da prática futebolística no Brasil. “O futebol brasileiro é o que é hoje devido ao nosso jeito de jogar brincando, como se estivesse sempre numa pelada”, afirmou Seu Geraldo, numa reprodução discursiva do estilo “à brasileira” e do “futebol-arte”. Uma forma de aprender que, para Guilherme (94), é diferente do estilo europeu de jogar futebol, para ele, conhecido pela força, chutão e cruzamento na área. Porém, não tão diferente para o professor Rafael (85), pois nas mesmas brincadeiras que praticavam dribles, aprendiam a desarmar.
- 20 Tal comparação pode ser vista nos extremos habilidade/força, intuitivo/racional, futebol-arte/futebol-força – imprescindíveis para a compreensão dos estilos brasileiro e europeu. São estilos que não se definem por sua unidade opositiva, mas sim pelo fato de apresentarem elementos em comum e sobrepostos. Tais estilos podem ser entendidos enquanto formas-representações (Toledo, 2002), construídas na interação dos grupos de atores – torcedores, profissionais e especialistas - que compõem o universo futebolístico dito profissional, e de suas leituras dos padrões de jogo empregados pelas equipes⁶.
- 21 Portanto, como é possível perceber, no caso do drible, a valorização e a negação dos aprendizados nas práticas espontâneas eram frequentemente articuladas ao mesmo tempo. Em uma só conversa, por exemplo, Jaílson afirmou que a habilidade e criatividade das crianças e jovens decorriam, em parte, das adaptações aos diferentes materiais e equipamentos que utilizavam no futebol jogado na escola, na rua e em outros espaços; mas condenou os “vícios” que os jovens traziam destas práticas realizadas fora da escolinha, o que dificultava o seu trabalho, pois exigia mais dedicação e tempo para reeducar o modo de jogar dos garotos:
- Jogar bola ele aprende em qualquer lugar, no meio da rua. Agora, você precisa saber conhecer a posição do lateral direito, do lateral esquerdo, do volante, do meia-esquerda, do meia-direita, a função do meia de campo, do central, do quarto zagueiro, está entendendo? Do ponta-direita, do ponta-esquerda, que hoje em dia não se joga mais com ponta-direita e com ponta-esquerda, entendeu? Primeiro, tinha o ponta-esquerda, o ponta-direita e o centroavante, o meia-direita, o meia-esquerda, o volante e meio de campo. Hoje em dia são quatro no meio de campo e dois atacantes. Antes eram três atacantes. [...] Para você ver como é que as coisas mudaram.
- 22 Tais afirmações são corroboradas por alguns alunos e ex-alunos:

Denis (82): Porque na rua você joga mais na brincadeira. Lógico, você leva a sério e tudo. A gente queria ganhar, mas é muito amador. Já na escolinha, foi mais ter contato com essa coisa da parte física, essa questão da tática, aprender a se posicionar, essas coisas todas que estão mais envolvidas com futebol profissional. [...] Foi na escolinha que eu fui ter mais esse conhecimento, mais técnico mesmo, mas com certeza já tinha noção de bola. Acho que na escolinha foram mais essas coisas de conhecimento mais técnico e tático.

E: O que você acha que você aprendeu antes de ir para a escolinha?

D: Antes da escolinha, já na rua, você aprende as noções básicas. Chutar, cabecear, marcar e tal, mas é muito por sensibilidade sua. Não era porque alguém está orientando. É uma coisa mais de você olhar os outros e ir aprendendo. Às vezes, um toque de um amigo seu ou outro, mas ali no meio do futebol aquela coisa está envolvendo a emoção: “Pega, marca lá e tal.”

- 23 Na escolinha, portanto, havia um processo de ensino concebido como uma geração mais velha ensinando gerações mais novas, próximo do modelo durkheimiano. Durkheim (1967, p.41) parte da idéia de inserção social, pois postula que a sociedade não existe sem uma homogeneidade e a educação tem como uma de suas funções reforçá-la, inserindo as crianças no corpo social. A educação consiste, portanto, numa socialização metódica das novas gerações.
- 24 Porém, a etnografia permitiu perceber que não se tratava de uma simples incorporação de saberes, pois o envolvimento das crianças e jovens é consciente e com um fim. Aquele que ensina e os que aprendem são sujeitos atuantes no ensino-aprendizagem, pois na transmissão destes saberes, a pedagogia envolve a todos e a criança e o jovem são sujeitos ativos no processo.
- 25 Sendo partícipes efetivas da produção social, as crianças não devem ser encaradas como receptores passivos dos ensinamentos transmitidos pelos adultos nos processos de socialização, como bem adiantou uma bibliografia antropológica sobre a criança e o aprendizado (Lopes da Silva; Nunes, 2002; Cohn, 2005). Mesmo o aprendizado mimético, como vimos, não é uma imitação mecânica da experiência adulta, mas sim uma recriação construída de forma dialógica, a partir de suas experiências e de suas relações com o mundo que as rodeiam. Isso leva a uma revisão, aqui esboçada, das abordagens socializadoras unilaterais, que pressupõem apenas as ações dos adultos.
- 26 Isso era visível na atuação destes em diferentes locais – como, por exemplo, no domínio da rua –, horas vividas nos espaços públicos e privados decisivas para o desenvolvimento das habilidades. Trata-se de uma característica que permeia o imaginário do futebol brasileiro, presente nas observações do jornalista Mario Filho sobre a formação do jogador de futebol no Brasil:
- Os moleques passando o dia inteiro com a bola de meia. Brincando com ela. Apostando quem demorava mais com ela nos pés. Sem deixar que ela caísse no chão. Havia moleque que ficava toda a vida assim. Suspendendo a bola, passando a bola de um pé para outro, cinquenta, cem, duzentas vezes. Amanheciam com a bola de meia, a rua era o campo, formavam times de par ou ímpar, jogavam até não poder mais. A manhã, a tarde, a noite, eram deles. Não iam para o colégio, ficavam na rua. Fazendo inveja aos garotos de boa família... (Rodrigues Filho, 2003, p.76-77)
- 27 Mas uma concepção que não deixa de ser recriminada, visto a reação de muitos brasileiros à declaração do atacante francês Thierry Henry antes do jogo Brasil e França, pelas quartas de final da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2006:

Quando eu era criança, ia à escola das 7 horas da manhã às 5 da tarde e, quando queria jogar bola, minha mãe não deixava. Dizia que estudar era mais importante. No Brasil, as crianças jogam das 8 às 18 horas. Em algum momento a técnica aparece. [...] [no Brasil as crianças] nascem com a bola nos pés. Na praia, na rua, na escola. Onde quer que você olhe, eles estão jogando”. (O Estado de S. Paulo, 30 de junho de 2006, p. E9.)

- 28 Trata-se, portanto, de um processo de aprendizagem vinculado a uma diversidade de usos do futebol e de experiências no espaço urbano, que dotam estas dimensões de novos significados, e de um modo que o futebol atravessa a vida dos jovens nos mais diversos sentidos: festa, trabalho, consumo, lazer. A internalização deste conhecimento ocorre, portanto, de diferentes formas: nos treinos ministrados por Silva, na interação com os demais alunos durante os treinos e em outros lugares para além do CDM.
- 29 Isso é possível devido ao processo de realimentação mútua entre as diferentes práticas e modalidades: futebol profissional, futebol de praia, futebol de rua, pelada, futebol de várzea etc. Os jogos mais espontâneos influenciam e interferem na dinâmica do futebol profissional, ao mesmo tempo em que o futebol espetacularizado, por seu lado, é a principal inspiração e o esporte mais popular entre os praticantes destas outras modalidades futebolísticas. Entre o futebol profissional e as demais práticas bricoladas, a maioria das características se repetem, embora apresentem especificidades, autonomia e irredutibilidade (Scaglia, 2003), e o que é aprimorado em um, pode ser utilizado em outro. O que Scaglia propôs como o conjunto da família dos jogos de bola com os pés, ou seja, a reunião de “todas as unidades complexas que se valem de uma bola que deve ser manejada com os pés à medida que o jogo acontece” (2003, p.153).
- 30 Pude observar o “três dentro três fora”, a “rebatida”, o “gol a gol”, o “cada um por si”, disputas de embaixadinhas e a “roda de bobinho”⁷. Ao jogar na rua o “Gol a Gol”, por exemplo, repete-se, constantemente, o fundamento de chute ao gol, muito utilizado nos mais variados futebóis, inclusive nos que compõem a dimensão espetacularizada. Portanto, aprender a jogar futebol “pressupõe aprender os jogos/brincadeiras de bola com os pés (pequenos jogos), ao mesmo tempo em que jogar essas brincadeiras, concomitantemente, se estaria jogando futebol” (Scaglia, 2003, p.20). Além disso, aprender a chutar diferentes tipos de bola (papel, couro, borracha, meia etc.), bem como por meio de diferentes calçados (descalço, chuteira, tênis, chinelo etc.) prepara o jovem e pode ampliar seu quadro de experiências para diversas situações dentro de um jogo.
- 31 O campo de futebol, por exemplo, pode apresentar inúmeras variações, mas dentro de certos limites e medidas mínimas e máximas⁸, mantendo seu formato retangular, ou seja, com o comprimento sempre superior à largura. Dependendo de suas medidas e condições do piso, as dimensões do campo podem influenciar, sensivelmente, a dinâmica da prática do esporte em questão, como frisou Silva:
- Por exemplo: jogar em campo ruim. Não é legal, mas ajuda a aprender a dominar uma bola, a correr, chutar ao gol. Quanto mais lugares diferentes jogar, melhor. Assim como o calçado para jogar: tem que saber jogar dos diferentes modos. De chuteira ou descalço. É bom, eu aprendi assim.



Foto 5 - Campo encharcado abriga jogo entre jovens da escolinha e veteranos da várzea (foto de E. Spaggiari)

- 32 O depoimento de Silva traz uma questão interessante. Como foi possível perceber até agora, o ex-jogador Silva privilegiava, em seu método de treinamento, a aplicação de atividades inspiradas no universo espetacularizado. Reforçou, em diversos momentos, que o espaço da escolinha era o mais apropriado para o ensino da prática futebolística. Contudo, revelou que aprendera a jogar na rua e campos de várzea.
- 33 Nesse sentido, Scaglia (1999) pesquisou a história de vida de ex-jogadores profissionais, e que hoje atuam como professores de escolinhas, em busca de duas questões que foram depois comparadas: como eles aprenderam a jogar futebol e como eles ensinam, hoje, as crianças em suas aulas. Para Scaglia, os ex-jogadores, hoje professores, aprenderam a jogar de um modo distinto do que ensinam. Teriam aprendido na rua e campinhos, e hoje ensinam pautados pelos treinos oferecidos no plano do futebol profissional, onde predominaria o tecnicismo, algo que Silva confirmava em seus treinos:
- E: Você tenta fazer treino parecido com o profissional?
- S: É mais o treinamento que a gente fazia. Mas tem algum que não dá, porque às vezes a turma que é meio difícil de assimilar, mas o “arroz com feijão”, como se diz, mais alguma coisa, um pouquinho de “filé mignon” também, depende do grupo. Às vezes tem moleque que quer treinar, tem uns que não querem, vou dar minha aula hoje e aquele ali não quer fazer nada, aí a gente acaba não fazendo.
- 34 Embora tenha aprendido a jogar na rua e nos campos de várzea, Silva defende que os jovens têm de aprender desde cedo a jogar como os profissionais, por isso, opta por privilegiar os treinos técnicos e táticos que aprendeu e vivenciou durante sua carreira profissional, o que, para Scaglia, se afasta do que seria o ideal no plano pedagógico. A adoção do tecnicismo estaria, na verdade, segundo o autor, alterando a função da escolinha, pois seu papel não seria o de transformar crianças e jovens em jogadores profissionais, mas o de ensinar a jogar futebol em diferentes planos: tanto no da competição, como no educativo, com a transmissão de valores sociais e morais em busca da cidadania do aluno. Assim, segundo Scaglia, precisar-se-ia mais de professores do que de técnicos.
- 35 Além deste enfoque no plano educacional, Scaglia defende a inserção de brincadeiras de rua nas atividades das escolinhas, resgatando, assim, uma pedagogia de rua (Freire, 2006) que sempre teria formado ótimos jogadores. A pedagogia da rua, concebida por Freire, propõe que as escolinhas ensinem futebol por meio de brincadeiras, mas não só reproduzindo o esporte jogado na rua e em campinhos, mas principalmente, “pedagogizando” o que é praticado na rua, visto que diversos elementos presentes no futebol de rua seriam contraditórios à proposta pedagógica ideal. De forma geral, ao

propor essa incorporação da pedagogia da rua nas escolinhas, Freire (2006) procura valorizar os aspectos lúdicos da prática no processo de ensino e aprendizagem do futebol. Assim, para o autor, a pedagogia da rua poderia ser compreendida como um rico processo de aprendizagem⁹.

- 36 Na contramão das preocupações de Freire e Scaglia, destaco aqui uma concomitância pedagógica dos diversos espaços de aprendizagem. Além de me opor a uma possível incoerência entre o modo como se aprendeu e o modo como se ensina, visto que se trata de um processo de ensino-aprendizagem marcado por uma complexa heterogeneidade, assinalo a importância de analisar de forma contextual os treinos e métodos de ensino adotados hoje em várias escolinhas de futebol. Afinal, se tais métodos são tecnicistas, deve-se levar em conta a demanda por este tipo de trabalho, bem como o contexto atual de formação e seleção de garotos nos clubes.

Considerações finais

- 37 A aprendizagem, portanto, não pode ser dissociada das experiências cotidianas das crianças e jovens da Cidade Líder. Por isso, ampliei a análise para outros espaços do bairro, lugares de encontro e sociabilidade, bem como de vizinhança e pertencimento.
- 38 No caso desta pesquisa, enfatizei a convivência pedagógica entre as brincadeiras de rua, aulas de escolinha de futebol, partidas de futsal, atividades nas aulas de Educação Física, games virtuais de futebol etc. Ao longo da dissertação, analisei, para além do campo de futebol e da quadra poliesportiva, certos locais específicos de internalização do saber futebolístico vinculados ao CDM Cidade Líder: espaço do futebol e brincadeiras de rua; espaço (masculino e adulto) do bar do CDM, utilizado para disputas futebolísticas e várias brincadeiras nos horários de não funcionamento; as pontuais observações que fiz em duas lan houses próximas ao CDM, após notar como certas atitudes e ações adotadas pelas crianças e jovens nos treinamentos comandados por Silva faziam referência ao futebol jogado no videogame.
- 39 Procurei traçar, deste modo, uma comparação entre diferentes modos de ensino-aprendizagem para assim mostrar como a aprendizagem do futebol envolve mais do que técnicas, táticas e regras, visto que vários temas e categorias – como trabalho, violência, família, periferia, masculinidade – que apareceram durante a etnografia e que permeiam o universo simbólico futebolístico, são fundamentais para compreendermos as práticas e representações dos atores observados. Como observou Guedes (1998, p.124):
- o processo de transmissão que está em jogo é mais amplo e implica na(sic) exposição dos socializados a significados naturalizados e objetivados em comportamentos, relações sociais e obras culturais. Inclui, portanto, uma série de atos não planejados e não conscientes, que se transmitem e são internalizados através da interação cotidiana, do estar lá e partilhar o mesmo espaço cultural [...] Trata-se, portanto, de apreender significados “praticados”, confirme já observei, que se realizam em situações sociais concretas na qual emergem relações e recortes sociais variados...
- 40 Para compreender esse processo, é preciso investigar os diversos significados que o futebol ocupa nas periferias paulistas – lazer, exercício corporal, interação entre homens e carreira profissional (Guedes, 1982) –, pois é possível perceber a existência, neste recorte específico, de formas de sociabilidade que ultrapassam as propostas de prática futebolística voltada à profissionalização.

- 41 Assim, penso que o desafio para aqueles que pretendem investigar a construção do saber futebolístico é compreender as relações entre o que é vivenciado nos diferentes espaços da prática do futebol, observando o que é ensinado nas escolinhas, no futebol de rua e em outros espaços. Heterogeneidade que deve ser enfrentada por novos trabalhos voltados à antropologia das práticas esportivas (Toledo, 2001) e, mais especificamente, ao estudo do futebol, “uma atividade dotada de uma notável multivocalidade – uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo, simultaneamente, de muitos pontos de vista” (DaMatta, 1994, p.12).

BIBLIOGRAFIA

- COHN, Clarice. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 60 p.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. Revista USP. Dossiê Futebol, São Paulo, n° 22, p.10 - 17, 1994.
- DAMO, Arlei S. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007. 359 p.
- DUARTE, Orlando. Futebol: Regras e Comentários. São Paulo, Ed. Senac São Paulo, 2005. 360p.
- DURKHEIM, Emile. Educação e Sociologia. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 91p.
- FLORENZANO, José Paulo. Afonsinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo, Musa Editora, 1998. 254 p.
- GUEDES, Simoni L. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, R. (Org.) Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira, Rio de Janeiro, Pinakotheke. 1982. p.59-74.
- _____. O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998. 136 p.
- LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela. Contribuições na etnologia indígena brasileira à antropologia da criança. In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A. e MACEDO, A. V. (Orgs.). Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo: Global. 2002. p.11-33.
- PIMENTA, Carlos A. M. O Processo de Formação do Jogador de Futebol: sonhos, ilusões, frustrações e violências. Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2001.
- RAÍ; FRANCINE, S.; LACOMBE, M. Para ser jogador de futebol: dicas de um campeão para você se tornar um jogador profissional de sucesso. São Paulo: Jaboticaba, 2005. 128 p.
- RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro, Mauad, 2003. 344 p.
- SANTOS, Claudemir José dos. Futebol se aprende na escola. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2007.
- SCAGLIA, Alcides José. O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

TOLEDO, Luiz H. de. Futebol e Teoria Social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001.

_____. Lógicas no Futebol. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002. 342 p.

NOTAS

1. O CDM Cidade Líder, criado em 1979, é um dos Clubes Desportivos Municipais (CDMs) da cidade, unidades descentralizadas do Município de São Paulo, de administração indireta, geridas por duas ou mais entidades civis sem fins lucrativos, regularmente constituídas, com objetivo primordial de desenvolver atividade desportiva em imóvel público, especialmente cedido a título precário para esse fim. Área pública gerenciada por um conselho local, o CDM Cidade Líder foi criado para oferecer atividades, equipamentos e estrutura esportiva; uma resposta, assim, à crescente diminuição de áreas públicas destinadas ao esporte e lazer. Em várias regiões da cidade, tal como ocorre na Cidade Líder, parte dos jogos e torneios de futebol de várzea, disputados majoritariamente aos finais de semana, ocorre nos campos de futebol (gramados ou de terra) dos CDMs.

2. Este Programa tem como objetivo oferecer, às crianças e jovens, na faixa etária de 7 a 17 anos, matriculados na rede de ensino da cidade de São Paulo, um conjunto de atividades esportivas e recreativas em horário complementar ao de suas aulas normais. As atividades ocorreriam em escolinhas de futebol organizadas nos CDMs, Clubes da Cidade, parques municipais e outros equipamentos esportivos, localizados principalmente em bairros periféricos de São Paulo, com a atuação de ex-atletas de diferentes modalidades como difusores.

3. Período no qual houve, segundo o autor (Florenzano, 1998), uma maior incorporação dos elementos táticos e disciplinares, voltados ao aspecto coletivo, bem como uma valorização da preparação física. Vocação essa inspirada no fracasso da Seleção Brasileira na Copa de 1966 e no ótimo desempenho das equipes européias, e que teve seu auge no sucesso da seleção na Copa do Mundo de 1970, com a utilização dos elementos acima citados.

4. Manual voltado ao ensino da prática futebolística, o livro Para ser jogador de futebol, centrado na carreira do ex-jogador Raí. A escolha desta obra não foi arbitrária. João Carlos, pai de um aluno do CDM Cidade Líder, comentou que comprara o livro do Raí para o filho, pois “se é para aprender, já aprende com um são-paulino”, afirmou.

5. Este aprendizado multifacetado é o principal aspecto que aparece no livro do ex-jogador Raí, que percorre a formação da criança até o profissional, elencando dicas para lidar com as pressões, com os agentes e assinatura de contratos, o papel dos pais, assédio sexual etc.

6. As diferentes interpretações e usos das regras implicaram distintos estilos e formas de jogar, conhecidos como padrões de jogo (Toledo, 2002) e expressos em combinações numéricas das mais diversificadas, que apresentam as posições e funções dos onze jogadores durante as partidas. Portanto, a partir das regras do jogo e destas formas e padrões de jogar, consolidam-se as representações coletivas das maneiras de jogar, expressas em estilos (jogar à brasileira) e escolas (escola carioca ou gaúcha).

7. Os nomes destes jogos podem variar de uma região do Brasil para outra, embora as regras sejam muito semelhantes. Utilizo aqui os nomes articulados pelas próprias crianças e jovens.

8. Segundo a Regra 1, o campo deverá ter entre 90 e 120 metros de comprimento, e 45 a 90 metros de largura. Nos jogos internacionais, as medidas se ampliam: comprimento máximo de 110m e mínimo de 100m; largura máxima de 75m e mínima de 64m (Duarte, 2005).

9. Embora saliente o valor da pedagogia da rua para o aprendizado da prática futebolística, Freire (2006, 7) pondera também que “rua e escola são instituições bastante diferentes. Há, na

pedagogia da rua, diversas coisas que não gostaria de ver repetidas na escola. [...] A pedagogia da rua é muito suscetível tanto às boas como às coisas ruins”.

RESUMOS

Pretendo, neste artigo, analisar o processo de ensino-aprendizagem futebolístico a partir do que foi observado na escolinha de futebol do CDM (Clube Desportivo Municipal) Cidade Líder, gerenciada por agentes vinculados ao futebol varzeano de um bairro periférico paulistano. Tendo em vista que se trata de um processo de ensino-aprendizagem futebolístico, pois existiriam diferenças entre o modo de aprender e o modo de ensinar, procurarei evidenciar como o ensino do saber futebolístico deve ser compreendido a partir da complementaridade entre as diferentes práticas na escolinha, na rua, e em outros espaços.

AUTOR

ENRICO SPAGGIARI

Mestre em Antropologia Social
USP - Universidade de São Paulo
enricospaggiari@yahoo.com.br